



A Santa Sé

CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II POR OCASIÃO DOS 200 ANOS DA MORTE DO PAPA PIO VI

A D. DIDIER-LÉON MARCHAND

Bispo de Valença

Há dois séculos, no dia 29 de Agosto de 1799, morria em Valença o Papa Pio VI. Desejoso de prestar homenagem à grande figura deste Papa e, ao mesmo tempo, conservar a lembrança deste período doloroso, tomaste a iniciativa de comemorar este evento, a fim de que as gerações presentes pudessem dele haurir ensinamentos. Saúdo-te cordialmente, assim como o meu Enviado Especial à tua Diocese, o Senhor Cardeal Roger Etchegaray. Associo-me, com o pensamento e a oração, a todos os que estão reunidos para evocar a memória do meu predecessor, que amou e serviu a Igreja de Cristo.

Os últimos meses de Pio VI foram o seu caminho de cruz. Com mais de oitenta anos, gravemente atingido pela doença, ele foi arrancado da sede de Pedro. Em Florença pôde gozar durante algum tempo duma relativa liberdade, que lhe permitiu exercer ainda a sua responsabilidade de Pastor universal. Depois, foi obrigado a atravessar os Alpes pelos caminhos nevados. Chegou a Brainçon, em seguida a Valença, onde a morte pôs termo à sua viagem terrestre, fazendo com que alguns acreditassem que com ela acabassem a Igreja e o papado. Convém recordar aqui a palavra de Cristo a Pedro, que corresponde àquilo que viveu o Papa Pio VI nesse ano de 1799: «Quando fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e te levará para onde tu não queres» (Jo 21, 18).

Pio VI aceitou a provação com serenidade e na oração, e no momento da sua morte perdoou aos seus inimigos, suscitando-lhes assim admiração. Entretanto, aos seus sofrimentos físicos acrescentou-se um tormento moral a respeito da situação eclesial. Apesar dos transtornos que a França então atravessava, ele recebeu numerosos e comovedores sinais de respeito, de compaixão e de comunhão na fé por parte das pessoas simples, ao longo de todo o caminho, em Briançon, Grenoble e Valença. Por mais humilhado que tenha sido o pai comum dos fiéis, como lhe chamava o poeta Paul Claudel, era reconhecido e venerado pelos filhos e filhas da Igreja. Este acolhimento simples e afectuoso naquelas circunstâncias dramáticas, é uma consolação para todos.

Esta página da história da Igreja e da França é uma fonte de ensinamento. Ao longo da sua história bimilenária, a Igreja passou sem cessar por múltiplas provações. Ela é chamada a conservar a coragem, pois a sua missão lhe vem do Senhor, que jamais a abandona: como foi prometido, Cristo está conosco até ao fim dos tempos (cf. *Mt 28, 20*). Nos momentos difíceis, é oportuno antes de tudo acolher a graça de Deus, que faz aumentar a fé, sustenta a esperança e mantém firmemente a comunhão entre todos os discípulos de Cristo. É o Espírito Santo que age, e é Deus que dá o crescimento à obra empreendida por todos os missionários do Evangelho, bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos (cf. *1 Cor 3, 6*).

O pontificado de Pio VI evoca os méritos do papado que, ao longo dos séculos, se empenhou em defender a liberdade da Igreja perante as exigências dos poderes civis. É por isso que numerosos Papas lutaram e sofreram até ao dom da própria vida. Com efeito, a liberdade religiosa é um direito para toda a pessoa humana, em razão da sua própria dignidade, como afirmou o Concílio Vaticano II (cf. Declaração *Dignitatis humanae*, 2). Em todas as nações, a liberdade espiritual e a liberdade religiosa são de modo particular importantes. Sem elas, as outras liberdades pessoais e colectivas não são possíveis. A liberdade religiosa é uma condição indispensável à edificação duma nação, assim como à colaboração e à amizade entre os povos. Neste espírito, ao longo de toda a história, o cristianismo teve sempre a solicitude de unir e agrupar os homens e os povos, ajudando-os incansavelmente a construir uma sociedade mais justa e mais fraterna, a fazer com que se instaure a paz, essencial para o crescimento integral das pessoas e das comunidades humanas.

Por outro lado, é preciso mencionar o lugar dado aos direitos do homem, que recordam que o ser humano é o centro da vida social. Esta exigência legítima não deve fazer esquecer que os direitos do homem se fundam sobre valores morais e espirituais, e que ninguém se pode considerar como o senhor dos seus irmãos. O Criador é o único senhor do tempo e da história. Graças à lei natural, Ele pôs no coração dos homens o desejo do bem. O lema da França, *Liberdade, igualdade e fraternidade*, associa oportunamente aquilo que depende da liberdade individual à necessária atenção para com todos os irmãos, sobretudo os mais pequeninos, os mais débeis, desde a concepção até à morte natural.

A comunidade católica na França possui uma rica história. Os fiéis católicos, ao exprimirem a sua adesão ao Papa, manifestam abertamente a sua fé em Cristo e a sua pertença à Igreja; no seu caminho espiritual, eles haurem dela a força para a sua missão e para o serviço da sua pátria e dos seus compatriotas. Estão empenhados no seu país e prosseguem sem cessar o diálogo com todos os componentes da nação, sobretudo com as comunidades protestantes, numerosas na tua região, que saúdo de todo o coração. Exorto então os católicos a tomarem parte activa na vida do seu país, a nível local, regional e nacional. Como já dizia a Carta a Diogneto, «os cristãos são no mundo o que a alma é no corpo. A alma encontra-se em todos os membros do corpo, os cristãos estão em todas as cidades do mundo... Tão nobre é o posto que Deus lhes assinalou, que não lhes é possível desertar». Em colaboração com todos os seus irmãos, eles têm um serviço a prestar ao próprio país e é em conjunto que todos os franceses devem prosseguir nos seus empenhamentos ao serviço do homem, da sociedade e da fraternidade entre todas as pessoas. A rejeição do reconhecimento da dimensão espiritual e religiosa das pessoas e das comunidades humanas constituiria um empobrecimento dos indivíduos e do dinamismo social.

No limiar do terceiro milénio, é importante que os discípulos de Cristo reconheçam os seus laços de comunhão e trabalhem para encontrar a sua unidade ao redor do Sucessor de Pedro. Esses laços de afecto, livremente expressos,

testemunham a necessidade, tanto para a construção da Europa como para as relações internacionais, do contributo indispensável da liberdade religiosa e do respeito das consciências, cuja defesa o Papa Pio VI, na linguagem e mentalidade do seu tempo, tinha procurado assegurar. Com efeito, qualquer empreendimento político, social ou económico que não tenha em conta as pessoas e os povos, faz com que o conjunto das nações, a paz entre os países, o reconhecimento dos povos e a indispensável liberdade das pessoas corram graves riscos.

Ao confiar-te à intercessão da Virgem Maria, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja, e dos santos Bispos de Dic, de Saint-Paul-Trois-Châteaux e de Valença, concedo-te de todo o coração a Bênção Apostólica, assim como a todos os teus diocesanos e àqueles que participarem nas diferentes manifestações que marcarão a comemoração da morte do Papa Pio VI na tua cidade.

Castel Gandolfo, 25 de Agosto de 1999.

PAPA JOÃO PAULO II

©Copyright 1999 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana